



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

CÁCIA PEREIRA CRUZ

MINHA MALETA DO TEMPO: UM MERGULHO EM MINHAS MEMÓRIAS

Rio de Janeiro

2022

CÁCIA PEREIRA CRUZ

MINHA MALETA DO TEMPO: UM MERGULHO EM MINHAS MEMÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Especialista
Maria Delcina Feitosa.

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C9573m Cruz, Cácia Pereira

Minha maleta do tempo: um mergulho em minhas memórias / Cácia Pereira Cruz.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
47 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Especialista Maria Delcina Feitosa

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Literatura. 5. Leitura. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 25 de junho de 2022.

CÁCIA PEREIRA CRUZ

CÁCIA PEREIRA CRUZ

MINHA MALETA DO TEMPO: UM MERGULHO EM MINHAS MEMÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Professora Especialista Maria Delcina Feitosa

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedicar é um ato de ofertar, por isso, oferto esse trabalho a cada educador que futuramente se apropriará dele para realizar um estudo.

Dedico para aqueles que buscam e que sonham com uma educação construtiva, significativa e que valorize a criança como sujeito em sua construção.

Dedico àqueles que estão na busca da parte que lhes falta e que compreendem que estamos em construção de aprendizagem continuamente e que não podemos parar de buscar novas aprendizagens, pois é nessa busca que vamos nos redescobrimos, recriando e reinventando a nossa prática.

Que este trabalho seja ofertado a todos que acreditam que a educação transforma vidas, basta mantermos acesa a chama do amor, respeito e esperança no ato de ensinar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, não deixo de agradecer a Deus, que segurou em minhas mãos me fortalecendo para chegar até aqui. Foram três anos de enfrentamentos, mas a presença de Deus sempre esteve ao meu lado quando eu pensei em parar e desistir.

Agradeço também ao meu bem mais precioso, minha família. Chegar tarde e encontrar meus filhos dormindo e amanhecer e colocá-los direto para escola, me fazia pensar no tempo que eu não estava dedicando a eles e meu esposo, mas me incentivaram a continuar e, sempre que o cansaço tomava conta de mim, me encorajaram a seguir em frente.

Agradeço também ao meu braço direito, Dona Irani Pereira Justino, minha linda avó, que por onde eu passo aplaude as minhas conquistas, mas que no decorrer deste curso descobriu um aneurisma cerebral e o venceu.

Agradeço à turma 2019, por me ajudar a construir mais um capítulo da minha história e por me acolher enquanto grupo; tenho certeza de que sempre será lembrada por mim

Quero agradecer a todos os professores do Pró-Saber, pelas provocações em sala de aula, pelas vezes que me fizeram refletir sobre a minha prática e por acreditar que eu também sou capaz de construir conhecimento juntamente com o grupo. Obrigada por me acolherem com a sensibilidade no olhar que me impulsionava a ir além.

Guardar uma coisa não é escondê-la ou
trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la
por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela
iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer
vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar
acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um
pássaro
Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso
se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que
guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.
(CÍCERO, 1996, p. 337).

RESUMO

Nesta monografia registro a minha história de vida, a partir de um mergulho em tudo o que vivenciei, o “mergulho em si” proposto por Josso (2004), e relato também o quanto estudar no Pró-Saber mudou o meu olhar sobre a minha prática. Contarei a minha trajetória para ingressar nesta instituição e seu percurso. Relatarei minhas marcas enquanto educanda, e também, aquelas deixadas pelas disciplinas que me atravessaram e como isso despertou a minha vida enquanto educadora que se humaniza no ato de ensinar. Destacarei a disciplina de leitura e escrita, que mudou o meu olhar sobre o ato de ler e escrever, despertando em mim uma paixão pela literatura. Fecho testemunhando como foi importante construir esse trabalho para sistematizar os conteúdos apresentados. Hoje vejo que a aprendizagem se dá de forma mútua, onde o educando aprende com o educador, mas também o educador pode aprender com o educando.

Palavras-Chave: Educação, Educação infantil. Memória de formação. Autonomia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 PRIMEIRO PASSO PARA A DESCONSTRUÇÃO: ME DESPRENDENDO DO VELHO PARA EXPERIENCIAR O NOVO	15
1.1 Onde tudo começou	16
1.2 O enfrentamento que move: a Pandemia do COVID-19	19
1.3 Acendendo memórias	21
1.4 Concepções de educação	24
1.5 Instrumentos metodológicos	25
1.6 Na minha prática	28
2 ACENDENDO AS MEMÓRIAS DO PASSADO PARA ESCREVER UMA NOVA HISTÓRIA NO FUTURO	29
3 UM BRILHO EM MINHA PRÁTICA: A LITERATURA COMO GUIA NA PRÁTICA EDUCACIONAL	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa monografia é escavar o passado e refletir sobre o presente e o futuro. Refletir sobre meu ato de ensinar, sobre os gestos e atitudes que movem a minha prática. Aqui apresentarei a minha história, minhas marcas, meus registros e o educador humano que há em mim. Irei discorrer também sobre como meu olhar foi ampliado durante o curso, me fazendo refletir sobre a minha própria prática. A educação já pulsava em minha veia, mas eu não sabia que esta chegaria.

Quando pequena, brincava de muitas coisas, apreciava viver grandes aventuras, mas o meu sonho mesmo era ser professora. Com um pedaço de tijolo, eu riscava as paredes da rua e dava aulas para meus alunos que embarcavam comigo na aventura que atravessaria o meu coração.

Fotografia 01 -- Festa junina na escola



Autor: Rosilana Pereira Justino

Na imagem acima, eu estava em uma festa junina na escola e minha mãe toda orgulhosa registrando esse momento. Tudo o que eu fazia, minha mãe tinha o prazer de me acompanhar e na realização dos meus sonhos não foi diferente.

Os anos foram se passando e eu me tornei mãe. A luta passou a ser ajudar o meu marido nas despesas de casa, então me dispus a procurar um emprego e, por ironia do destino, fui trabalhar em uma creche. Nessa época eu ainda estava estudando e foi uma colega que me indicou para esse trabalho.

Em um dia de aula, Vanusa, me informou que estava precisando de uma auxiliar de creche no Colégio Arte e Manhã, espaço cultural, instituição de

ensino em que ela trabalhava. Esta instituição fica situada na Avenida Maracanã, 1310, no bairro da Grande Tijuca. Cheguei sem experiência, sem sequer saber o que fazer, mas, tomada pela vontade de trabalhar, logo aprendi.

Me lembro de uma aluna chamada Louise, a primeira criança com quem tive contato na instituição. Ela era tão pequenina, parecia uma boneca, tinha apenas 6 meses de idade. Eu entrava às 7h, a pegava no colo e, como na escola ainda não tinha Berçário, levava para uma salinha improvisada e ficava com ela até as 10h, realizando atividades que eu pesquisava na internet. Após esse horário, a deixava com a auxiliar que me rendia, pois, a partir desta hora, eu tinha que começar a convocar os alunos que estudavam no período integral para tomar banho. Isso mesmo, eu era a famosa "tia do banho". As crianças iam para o banheiro e eu as orientava, estimulando a sua autonomia, a se despirem, tomarem banho e colocarem as roupas limpas. Também precisava orientar como guardar a roupa suja na mochila. E para colocarem o sapato. Amarrar o cadarço? Era uma loucura! Eram tantas tentativas de acerto que a hora passava como uma lebre de tão rápido que o relógio corria.

Os banhos da manhã precisavam terminar até às 12hs. Neste horário, os alunos do integral eram direcionados para o refeitório. E adivinhem quem estava lá, realizando a função de inspetora? Eu!

Ficava com os alunos no refeitório, juntamente com a professora do integral, que era a Cintia. Juntas, auxiliamos as crianças a realizarem a higiene bucal. Em seguida, elas eram direcionadas para a sala de descanso, um cinema improvisado para relaxarem após o almoço.

Na parte da tarde, seguia com os banhos dos alunos que estudavam pela manhã e participavam do integral à tarde. Quando eu terminava os banhos, costumava limpar o banheiro e deixava tudo pronto para o dia seguinte. Feito isto, ia até a sala do maternal, para ajudar na troca de fraldas. Nesse período em que trabalhei sendo auxiliar de banho, os dias passavam em um piscar de olhos. Quando eu olhava, já eram 16h e eu precisava ir para casa descansar um pouco para ir estudar mais tarde. É, a jornada não era fácil! Tinha que trabalhar, cuidar da casa, dos filhos e estudar. Na realidade, concluir o ensino médio sempre foi um sonho na minha vida.

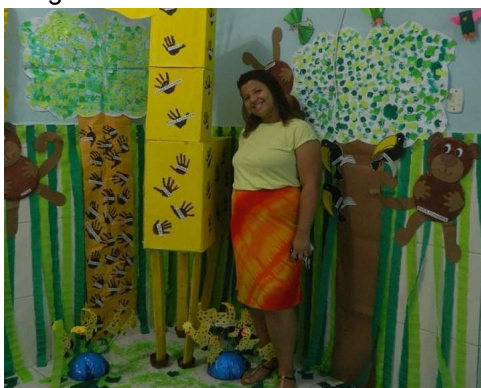
Fotografia 02 -- Formação do EJA



Autor desconhecido

No ano seguinte, fui convocada para ser auxiliar de turma de maternal I, regida pela professora Luciane Ramos, carinhosamente chamada de "Tia Lu". Eu fazia uma roda de conversa e estimulava a oralidade dos alunos, fazendo teatros com fantoches. Pude perceber que a arte de educar já se fazia presente em minha vida! Logo após terminar o ensino médio, Lu me orientou a fazer formação de professores. Ela me disse que eu tinha jeito para lidar com as crianças. Estudei no Centro Educacional Victor e Wladimir (CEVIW). Lá consegui o meu diploma como professora de educação infantil até o ensino fundamental I. Foi um orgulho que encheu o meu peito de amor.

Fotografia 03 -- Primeira feira cultural onde atuei como professora.



Autor: Luciane Ramos

Passado algum tempo da conclusão do curso, fui chamada pela diretora do colégio Arte e Manhã para ser professora de maternal I. Passei a professora do Pré I e a responsabilidade era outra. Eu precisava fazer planejamento, avaliação, participar das reuniões pedagógicas e encarar os pais na reunião dos responsáveis. Em minha primeira reunião, não consegui falar.

Fiquei trêmula e muito nervosa porque as palavras não saiam. Graças a Deus, a diretora da instituição estava ao meu lado para me amparar neste momento e ministrou a reunião por mim, é muito bom ter pessoas que cuidam de nós! Até hoje sinto aquele friozinho na barriga nessas reuniões, mas, em sala de aula, me sinto em casa, amparada pelos alunos que me cercam e que me abraçam. Me recebem com muita alegria o que enche o meu coração

No Instituto Superior de Educação Pró-Saber, cheguei movida pelo desejo de me aprofundar mais na Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Às vezes, quando ouvia os professores que trabalhavam comigo usarem alguns termos técnicos, eu me sentia um peixe fora d'água. A vontade era aprender mais e conhecer o campo da educação. Certo dia, quando levei minha filha à creche, li um anúncio que falava sobre as inscrições para cursar o Pró-Saber. Neste ano, não me inscrevi, pois estava trabalhando em uma instituição.

Tentei novamente 6 anos depois, lembro-me que cheguei atrasada, quando entrei na sala para prestar vestibular, me deparei com muitos olhares em minha direção e vi um jovem, que havia chegado pouco antes de mim, se ajeitando na cadeira. Logo corri e me sentei ao seu lado. Demorei muito para realizar a prova, minhas folhas de rascunho eram enormes e achava que não ia dar tempo de passar tudo a limpo. Sem contar que, na sala, havia uma professora que sempre nos lembrava o tempo que faltava para encerrar a prova. Fui uma das últimas a terminar, mas saí daquele ambiente com a sensação de dever cumprido.

Fotografia 04 -- Lista de aprovados da Turma 2019

Instituto Superior de Educação Pró-Saber Pós-graduação em Educação 2019	
Lista de Aprovados Resultado Final	
1	Alexandre Custodi Coelho
2	Alino Eugênio de Sousa Oliveira
3	Alma Beatriz dos Reis Viana
4	Ana Paula Vilga de Castro
5	Cátia Pereira Rosa
6	Cláudio Marcos Mendes Fernandes
7	Chelene Taconato de Souza
8	Christiane de Oliveira Sales Silva
9	Cyrcilia Felizardo Mantovani Rosa
10	Daniela Batista dos Santos
11	Denise de Cássia Teixeira de Sousa
12	Érika Oliveira da Fonseca
13	Evailma dos Santos Silva
14	Genia de Carmo Pereira Ribeiro
15	Glória Maria de Silva
16	Graci Kelly Socorro Pereira
17	Janice Cristiane Fereira de Silva Tezza
18	Ingrid Almeida Cabral
19	Ingrid Santos do Nascimento
20	Isabel dos Santos
21	Jessica de Silva Feres
22	Kátia Faria Ventura
23	Reila Maria de Araújo Alves
24	Ricson Montanucci Teixeira
25	Luiza Caroline Ribeiro
26	Wagner de Almeida Santana
27	Marysa Patrícia dos Santos
28	Marta Luciana Fernandes Lucida
29	Marta Homero Miranda de Paiva
30	Mariana Sousa Silva
31	Patrícia Araújo de Freitas
32	Sandra do Rio
33	Sônia Oliveira de Sousa Soares
34	Vanessa Tel Líria de Almeida
35	Yvonne Cristine Pereira Gomes

Autor: Evanita dos Santos Silva

Ao ver meu nome na lista dos aprovados, dias depois, vibrei de alegria, pelo novo ciclo que estava se iniciando. Precisei mudar a rotina, trilhar novos objetivos e me empenhar nos estudos e no mergulho em minhas memórias e na minha prática para desconstruir tudo o que aprendi.

Durante a minha trajetória no Pró-Saber, o que mais realizei foi a escavação da minha história. A “arqueologia de si”, como Gusmão e Porto (2018) nomearam, é uma base para que as trocas de experiências em sala de aula sejam como acendedores de memórias, que nos fazem lembrar de acontecimentos que vivenciamos em algum momento de nossas vidas.

Realizar esse movimento no primeiro semestre foi dolorido, pois viemos de uma concepção autoritária, que não ouvia o que os alunos tinham a compartilhar em sala de aula e que eram punidos quando não sabiam responder a uma pergunta. Lembro-me que iniciamos esse processo, quando a professora Clara Araújo pediu à turma que pesquisasse a história do nome de cada uma. Esse movimento nos fez dar um passo atrás, e realizar o movimento de olhar para si (JOSSO, 2004). As histórias foram um marco nesse movimento de olhar para dentro. "O olhar, assim como escutar e dialogar, sempre foram um exercício" (ROMEU, 2018, p. 43).

É maravilhoso poder escrever e saber que esse ato é uma forma de registrar a minha trajetória. Sei que esse registro poderá ser utilizado por outros alunos(os) como ferramenta de estudo e por professores. Atualmente vejo o registro como algo que atravessa gerações e que marca épocas. Quando registramos algo, estamos fazendo história; nesse caso, eu estou passando aos leitores a minha própria história. Meu olhar foi ampliado, passei a me tornar mais crítica, agora vejo que a democracia nasceu em mim e aos poucos ela vem crescendo e se abrindo em minhas atitudes.

Fotografia 05 -- Contação de história na Festa da Família



Autor: Etiene de P. Coutinho

Minha postura como educadora também foi mudando. Hoje, meus alunos realizam suas atividades de uma maneira mais calma, vivenciam esse planejamento, que é internalizado e elaborado pelos interesses deles. Venho trabalhando com o protagonismo de sua própria aprendizagem, entre as trocas e o contato com o ambiente escolar, para construir a aprendizagem, com a educadora mediando o percurso, e, na relação com o outro, que amplia a capacidade do ser humano de se reconhecer como parte de uma sociedade, de vivenciar situações-problemas e sair delas.

Esta monografia é composta por quatro capítulos. No primeiro, contarei sobre a minha trajetória para ingressar nesta instituição. O segundo descreve as marcas que algumas disciplinas me deixaram durante esse percurso. Muitas dessas disciplinas dialogam com a minha prática, me fazendo pensar no meu papel enquanto educadora. No terceiro, trago a disciplina Oficina de Leitura e Escrita, ministrada pela professora Liana Castro e minha relação com a literatura. No último capítulo, descrevo como a construção desta monografia foi importante para a sistematização do meu conhecimento, relato minha evolução, dialogando com o humano que habita em mim.

1 PRIMEIRO PASSO PARA A DESCONSTRUÇÃO: ME DESPRENDENDO DO VELHO PARA EXPERIENCIAR O NOVO

Em minha viagem ao Pró-Saber, cheguei com uma bagagem carregada com a minha leitura de mundo, pois nesta instituição, aprendi que não somos uma folha em branco, Paulo Freire (1992, p. 23) lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ao me deparar e debruçar em cada conteúdo abordado, precisei abrir a mala e tirar alguns objetos que me faziam rememorar as cicatrizes que eu carregava comigo ou que já estavam escondidas em mim. Foi um processo doloroso, no primeiro semestre, olhar para mim e ver as marcas negativas que o autoritarismo deixou. Mas encontrei também lembranças maravilhosas, como a da professora Josefina, que me deu aula na quarta série do ensino fundamental ou da professora Andréa, com quem fui Alfabetizada.

Fui tirando da bagagem a minha história e com este ouro, fui injetando um pouco de mim no grupo e um pouco do grupo em mim. Na realidade, as trocas em grupo acendiam as minhas memórias, despertavam o desejo de compartilhá-las. Chegou um momento em que a professora não precisava mais me convocar para falar nada, pois eu me sentia tão segura, que conseguia compartilhar naturalmente minhas lembranças no grupo. Acredito que a abordagem democrática, vivenciada no Pró-Saber, me trouxe segurança para compartilhar esses momentos. Essa partilha é libertadora para cada um que está no grupo e que se faz presente.

Quando me senti acolhida pelo grupo, o medo de "errar" foi tomando distância de mim e eu fui me abrindo para a turma, na medida em que via a turma se abrindo para mim também. Havia momentos de diálogo em sala de aula, que não dava vontade de parar, pois o assunto era tão significativo que todos os alunos queriam comentar.

Na hora de realizar a troca de nossas práticas, de falar sobre a metodologia de ensino que usamos em sala de aula, de falar sobre planejamento, formas de avaliação, projetos realizados nas escolas, formamos um laço difícil de ser desfeito. Muitas vezes, saí da aula com o coração ardendo de vontade de elaborar uma síntese, para não deixar para depois o que eu havia aprendido.

Durante muitas aulas percebi que diversos assuntos, que estavam sendo abordados, acendiam em mim memórias que estavam adormecidas. Quantas vezes em sala de aula eu pensava em diversos alunos? Lembrava de uma história contada pelos meus avós? Algo que vivenciei na infância? Ao mesmo tempo em que resgatamos nossas memórias em sala, estávamos sendo provocados a pensar em nossa prática.

Outra maneira de resgatar a memória que experimentamos nesse processo de construção de conhecimento foi através da fotografia. A professora Cris Porto¹ mostrou fotografias de crianças brincando, na disciplina "O brincar e sua importância na educação infantil", nos mostrando que as imagens também são um elemento fundamental para acender uma memória, mas que é necessário narrar o que vemos na fotografia, para que o leitor conheça a história que está por trás dela.

Ecléa Bosi (2021, p. 198) nos alerta que "[...] o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar, [...] a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser geradora do futuro". Neste contexto, a autora fala da memória como algo que nos impulsiona a alcançar novos objetivos no futuro e a gerar novas metas a se cumprirmos. Sim, a memória é um insumo fundamental para nos incentivar a construir novos sonhos e a trilhar novas escolhas. Por outro lado, Josso (2004) traz a ideia de "caminhar para si" como uma

atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos (JOSSO, 2004, p. 58).

1.1 Onde tudo começou

Ao assistir a uma reunião dos meus filhos, no projeto que eles frequentam, uma colega, que também estava nesta reunião, me avisou que as inscrições para o vestibular do Instituto Pró-Saber estavam acontecendo.

¹ A professora Cristina Laclette Porto coordena as disciplinas: Metodologia e desenvolvimento de pesquisa, Prática Metodológica e O brincar e sua importância na educação infantil.

Confesso que já tinha ouvido falar desta instituição, mas quando fui buscar informações, descobri que eu não poderia me inscrever, pois eu trabalhava em uma creche particular. Mas depois, essa regra foi ampliada e profissionais de educação infantil de escolas particulares também passaram a ser admitidos.

No dia da inscrição, levei comigo a minha irmã, que trabalhava na creche. Infelizmente, não foi possível realizar sua inscrição, pois não estava com o diploma de conclusão de ensino médio em suas mãos. Mesmo assim, realizei a minha inscrição e, a partir daí, contei os minutos para a realização do vestibular. Desci juntamente com a menina que me avisou e quero deixar registrado o seu nome aqui, Elenice, pois se não fosse ela e a permissão de Deus, talvez eu não estivesse aqui.

Quando entrei na sala e me deparei com muitas pessoas, muitos rostos diferentes, um único objetivo, passar neste vestibular, logo pensei: não vou conseguir, mas não custa tentar. Então, sentei-me na carteira, recebi a minha prova e comecei a escrever um rascunho. Lembro-me que foram duas folhas de rascunho escritas na frente e no verso e o tempo para realização da prova era de apenas uma hora. Como eu conseguiria passar para a folha original todo meu rascunho? Me apressei e fui logo respondendo na folha da prova. Fui uma das últimas a sair da sala. Quando estava terminando, a professora Cláudia Sabino avisava quantos minutos faltavam para o final. À medida que ela falava, um frio na barriga tomava conta de mim e os meus dedos e a minha mão não paravam de escrever. Montei a estrutura de uma escola, interpretei uma charge que representava o autoritarismo em sala de aula e escrevi um pouco sobre Paulo Freire. A minha sorte é que eu tinha o livro "Pedagogia da Autonomia" e foi isso que me incentivou a falar um pouco sobre o autor.

Fotografia 06 -- [Vestibular da T. 2019]



Autor: Acervo Pró-Saber

Não fui a última, só sei que saí daquela sala com o sentimento de entrega, pois naquelas folhas escrevi com muita atenção, dedicação e desejo de conseguir uma vaga para entrar na instituição. Sei que o desejo me moveu e hoje estou aqui realizando um sonho que sonhei há anos. Enquanto algumas pessoas falavam sobre as questões da prova, eu pensava que havia errado tudo e que não passaria, pois acreditava que o olhar daquelas pessoas estava certo e o meu estava completamente errado.

Desanimei, e no dia em que saiu o resultado, decidi não ir até o Pró-Saber, pois eu não acreditava que passaria. Minha colega, que foi ver o resultado, me mandou uma mensagem e falou: “Cácia você foi aprovada, eu não”. Na verdade, eu não sabia se comemorava ou não.

No dia 29 de junho de 2019, lá estávamos nós, 35 histórias diferentes para serem contadas, 35 pessoas que se inscreveram em busca de um bem comum, o conhecimento. Para o ingresso na instituição, tivemos que refazer em um memorial nossa trajetória, nossa rotina, buscando novas prioridades, cada um com suas particularidades, cada olhar misterioso que tinha um sentimento em comum, a alegria de estar ali. Naquele momento, descobrimos que éramos apenas um amontoado de gente, que tempos depois se tornaria um grupo.

Ao chegar no Pró-Saber, sabia que a trajetória de vida ali não seria fácil. Na realidade, precisei reorganizar minha rotina, estabelecer novas prioridades a fim de conseguir caminhar com êxito. Meus filhos precisaram ficar exclusivamente aos cuidados de meu marido e às vezes na casa da minha avó. Fácil? Não foi! O meu contato com eles era apenas aos finais de semana; por diversas vezes, me senti sufocada, ou achei que não daria conta.

Infelizmente, a pandemia de Covid-19 chegou e muitas coisas aconteceram e foi triste para muitas pessoas. O medo foi tentando me paralisar, precisei sair da zona de conforto, me reinventar, uma vez mais, já que o educador está sempre se reinventando. Com a pandemia, me aproximei dos meus filhos. Com a necessidade de ficarmos em casa, em isolamento social, pude respirar um pouco mais. Brincamos, jogamos diversos jogos e pude perceber o quanto eles foram crescendo e amadurecendo no período em que eu precisava estudar. Foram se tornando mais responsáveis por si, não

esperavam mais por mim para realizar as tarefas. É difícil ver seus filhos crescerem! Mas é necessário deixá-los voar alto.

1.2 O enfrentamento que move: a Pandemia do COVID-19

No dia 12 de março de 2020, quando estávamos na aula de Alfabetização Cultural II, ministrada pela professora Melissa Lamego, conversamos previamente sobre a evolução da pandemia, no estado do Rio de Janeiro. Minutos depois, a professora Clara Araújo entrou em sala de aula, anunciando que por medidas de precaução teríamos que ficar com as aulas suspensas. Suspensas? Como assim? Foi essa a pergunta que me fiz enquanto a professora falava, pois essa instituição apostava na vivência, no olho no olho e nas valiosas trocas realizadas em sala de aula.

A pandemia nos parou por um tempo, porém a educação. Nós, enquanto educadores, não paramos também. Por conta da dificuldade de acesso à internet, o Pró-Saber decidiu retornar às aulas de modo remoto, pelo *WhatsApp*.

Fotografia 07 – Início das aulas pelo WhatsApp



Arquivo pessoal

Precisamos manter o rigor conosco assumindo o compromisso de estar e se fazer presente nas aulas. Nestas aulas não nos víamos, apenas nos comunicávamos e apreciávamos a escrita do outro no grupo. Quando a saudade era grande, as professoras pediam para que cada aluno tirasse uma foto e postasse. Nos víamos por foto e isso já doía o meu coração. Áudios?

Somente os das professoras eram postados e quando solicitados, alguns alunos socializavam os pontos de observação também. Nada podia ser muito longo, as aulas eram pensadas, tendo como parâmetros, a saúde mental, o conteúdo a ser trabalhado e a capacidade da memória do celular.

Após um tempo, fomos nos apropriando de outros recursos tecnológicos. As aulas passaram a ser por outro aplicativo, o *Google Meet*. Dali em diante, podíamos nos ver, podíamos olhar no olho dos colegas e professores e escutar a voz de cada um. O *Meet* para mim foi um consolo para toda essa distância. Mesmo tão distante, pude me sentir próxima dos meus colegas e era isso que mantinha o desejo de estudar acesso. Com a pandemia fomos ficando cada vez mais sensíveis, mais emotivos. A tela era solução para tudo! A vida era nas telas.

Minha avó adoeceu. Devido à pandemia, não podíamos visitar, pois estava na UTI e as notícias sobre seu quadro clínico eram comunicadas pelo hospital através de ligações que eram realizadas diariamente. Às vezes, eu e meus familiares íamos até o hospital para obter notícias na recepção. Foi um momento difícil que atravessei, mas meus colegas de turma e professores não soltaram a minha mão. O cuidado com ela, após a operação na cabeça, foi redobrado e atualmente ela está ótima.

Na pandemia, o enfrentamento era diário e foi necessário criar um espaço dentro da nossa casa para receber o público. No primeiro semestre, muito foi falado sobre espaço público e espaço privado e agora tínhamos que receber o público em nosso espaço privado. Uma loucura! Esse processo me amadureceu e me fez enxergar que o educador necessita educar as suas dores em cada etapa que vivencia em sua vida.

Freire (2008, p. 27) fala em seu poema "Vida de Educador", sobre as dores que o educador educa em sua trajetória: "educamos a dor da falta, a dor cognitiva, a dor do limite, a dor afetiva, a dor da frustração, a dor da perda, a dor do diferenciar-se, da individuação, a dor da imprevisão e do incontrolável." .

O professor que construía a sua rotina escolar com seus alunos, agora montava um planejamento "às cegas", sem a participação e interação com os alunos. O que tornava o trabalho mais difícil.

Por diversas vezes, pensei em desistir do meu papel como educadora durante a pandemia. A luta para manter o vínculo com os alunos foi intensa; a

educação Infantil é movida pelo contato direto, pelo toque, pelo abraço, pelo choro, o sorriso e isso não era viável no momento. A distância não existia na educação infantil, pelo menos, eu não estudei para vivenciar esse momento, foi inédito e assustador, mas foi necessário para o meu amadurecimento enquanto educadora. As trocas nas aulas remotas me ajudaram a buscar novas formas de tentar alcançar os meus alunos e isso me impulsionava a tentar e tentar novamente, sempre que necessário, pois a todo momento, enquanto educadores, também somos educandos, pois estamos aprendendo com a nossa própria prática na interação com os nossos alunos.

[...] Os tempos de hoje
nos exigem ser mais.
Exigem a obrigatoriedade de sermos melhores.
A cada dia, melhores que o anterior.
Por isso mesmo, viver um dia de cada vez.

Os tempos de hoje
nos expõem em carne viva diante
do miudinho do cotidiano, clamando
por Empatia e Compaixão.

Os tempos de hoje
nos empurram na busca da ajuda do outro, na dependência dessa
ajuda.
Só podemos ser nós mesmos, mediados pela fala e
escrita do outro - pontes
que nos levam até nossas profundezas [...] (FREIRE, M., 2021, p.
141)

1.3 Acendendo memórias

Nas aulas do Pró-Saber, vimos que conhecimento se constrói a partir da interação com o outro. Essa interação nos ajuda a conhecer novas possibilidades para executar na prática. A troca dá sentido à aprendizagem, nos fazendo realizar um mergulho em si, de maneira sutil, trazendo nossas lembranças a serem compartilhadas no grupo visando buscar soluções. Vejo o outro como um ouro que me complementa a cada dia, com o outro sano minhas dúvidas, compartilho minhas angústias e a minha percepção sobre o mundo que habito. Com o outro apresento as minhas marcas e faço novas marcas em minha vida, é o "lugar do outro como revelador de mim mesmo e como tendo uma visão redutora do eu." (JOSSO, 2004, p. 61) .

No terceiro ano, realizamos uma escavação sobre esse percurso e eu pude compreender com a disciplina de Metodologia de Pesquisa, ministrada pela professora Cristina Porto, que, para falar sobre a nossa trajetória nesta instituição, teríamos que fazer menção à história que escrevemos nesse percurso. O documentário de João Moreira Salles sobre Nelson Freire² me fez refletir que, quando contamos a nossa história, lembramos pessoas que deram vida a essa história.

Na minha vida enquanto educanda, muitos professores marcaram até a minha entrada no Pró-Saber. E os professores desta instituição me marcaram a fim de me tornar uma educadora melhor, que se preocupa com a pessoa humana que entra na minha sala de aula. O Pró-Saber me ensinou a ter mais sensibilidade ao ensinar, a ser uma educadora mais flexível, a enxergar o ouro que há no outro, respeitando a sua história. Nesses mergulhos conseguimos contar a nossa história.

O vídeo, visto na disciplina de Metodologia de Pesquisa, "Uma conversa sobre documentários: formatos, linguagens e estilos" permitiu aprender que o documentário é o retrato espelhado da realidade, visa passar uma verdade ao público, situando fatos que já aconteceram na vida de uma pessoa. Entendi que, elaborar este modelo de monografia, seria como um documentário de autoria, registrando a nossa própria história. Nós poderíamos nos apropriar de citações que defendem essa tese ou que não, para que, de maneira subjetiva, construir os textos dando enfoque ao caminho traçado e que nos façam levantar questionamentos ao longo do processo de escrita. Entendi que é necessário se apropriar dos métodos de pesquisa e observação, a fim de reacender as memórias e observar de longe o percurso traçado até aqui. Bosi (2021, p. 197), diz que "a memória atende o chamado do presente".

Refletindo sobre os vídeos, percebo que, ao elaborarmos a nossa monografia, realizamos um mergulho em nossas memórias, trazendo o que de mais significativo ficou. Foi possível inserir experiências afetivas, sem tirar o foco, narrando como se fosse um narrador-personagem ao longo de toda a história, todo o trajeto.

² SALLES, João Moreira. *Informação x Experiência*: Entrevista concedida por João Moreira Salles a **TV Câmara**. 7.15min. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=J6cjVR_tTxc. Acesso em: 11 jul. 2022.

No Pró-Saber, somos provocados a compartilhar a nossa história de vida desde o primeiro dia. Os professores vão construindo suas pesquisas sobre o aluno e planejando maneiras de trabalhar cada história de vida em sala de aula, torna-os protagonistas na construção de seu aprendizado.

Meu olhar foi se modificando e eu pude perceber que foi em grupo que me descobri, pois assim como diz Madalena Freire (2008, p. 123): "O grupo é um grande corpo, constituído por suas diferenciadas partes." É no grupo que somos questionados, provocados a pensar, a criar hipóteses. O grupo me fortaleceu e ampliou o meu olhar sobre quem eu realmente sou. A cada encontro, eu criava hipóteses sobre o meu ensinar como educadora e era provocada a criar estratégias para solucionar as situações problema que apareciam. Foi uma busca significativa que me levou além. O Pró-Saber me tirava da zona de conforto e me fazia me reinventar como educadora.

Somos seres desejanter: "Um dos sintomas de estar vivo é a nossa capacidade de desejar e de nos apaixonar, amar e odiar, construir e desconstruir. Somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender, e nós educadores, também de ensinar." (FREIRE, 2008, p. 24).

O desejo de descobrir o que não se sabe, nos move. Como também afirma Paulo Freire (1996, p. 25), "quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender", pois se o educador pesquisa, reflete, observa, planeja e dá abertura para o aluno expressar o seu aprendizado em sala de aula, ele constrói conhecimento juntamente com esse aluno. Relação é a palavra-chave para se construir conhecimento.

Eu não sou você
 Você não é eu.
 Mas encontrei comigo e me vi
 Enquanto olhava pra você
 Na sua, minha, insegurança
 Na sua, minha, desconfiança
 Na sua, minha, competição
 Na sua, minha, birra infantil
 Na sua, minha, omissão
 Na sua, minha, firmeza
 Na sua, minha, impaciência
 Na sua, minha, prepotência
 Na sua, minha, fragilidade doce
 Na sua, minha, mudez aterrorizada. (FREIRE, 2008, p. 95)

A associação dos instrumentos metodológicos com a prática se dá de maneira valiosa, pois ajuda o educador a repensar sobre a sua própria prática.

Os instrumentos não estão relacionados apenas ao aluno, mas ele ajuda o educador a tomar distância do que foi vivenciado em sala de aula, repensando seus erros e acertos dentro deste ambiente. Freire (2014) confirma:

Os instrumentos metodológicos (a observação, a reflexão da prática/teoria, a avaliação e o planejamento) possibilitam o exercício sistemático da reflexão para a construção e apropriação da disciplina intelectual. O educador estando em qualquer função na escola (professor, coordenador, diretor) é um profissional do conhecimento, um estudioso, um intelectual – seu compromisso está em promover que seus alunos entrem em contato com seu próprio processo de conhecimento. (FREIRE, 2014).

Clara Araújo, Vice-reitora e diretora da Graduação do Pró-Saber, diz que “essa graduação, com duração de três anos, faz uso dos instrumentos metodológicos [...] para garantir uma educação democrática na prática da formação de professores.” (ARAÚJO, 2021, p. 8). Falarei sobre as concepções de educação e, a seguir, sobre os instrumentos metodológicos idealizados por Madalena Freire.

As concepções de educação (autoritária, democrática e espontaneísta) me levam a pensar sobre a maneira que atuamos em sala de aula, na relação entre aluno e educador e nas marcas que deixamos em nossos alunos.

1.4 Concepções de educação

Para Freire (2008, p. 194), na concepção autoritária, "o educador é parâmetro de cópia permanente, que não pode ser duvidado, que é o dono da verdade e que é o dono do jeito melhor - ele é o modelo melhor."

Hoje trago no meu processo de aprendizagem vivido na infância, marcas de uma concepção autoritária, onde não tínhamos voz em sala de aula, quem sempre falava era o professor e os alunos eram obrigados a seguir os passos dele para obter um resultado positivo no final do semestre. Não havia oportunidades de trocas em sala de aula. Ouvir os educadores falarem e ter que realizar cópias em excesso no caderno era desgastante, para sair da sala de aula, era necessário mostrar o caderno para a professora e quando errávamos, a professora não deixava de sinalizar os nossos erros com a caneta vermelha.

Na concepção Espontaneísta, Freire (2008, p. 195) diz que o educador "se nega, se morre de medo de ser modelo, imaginando que pode existir

autoridade que não seja modelo (toda autoridade é modelo)." Aprendi que em uma concepção espontaneísta, o professor não tem voz, pois se omite em sala de aula. Os alunos não têm um modelo, nem mesmo uma referência e o educador não constrói o seu planejamento, deixando livre para que os alunos, através de suas interações, construam o seu conhecimento.

Para Freire (2008, p. 195), "na concepção democrática, o educador assume-se como modelo porque sabe, admite, aceita que a aprendizagem é alicerçada na imitação e na cópia [...] parâmetro de pensamento. Um parâmetro de aprendizagem para que, sendo instrumentalizado, chegado, questionando, possa começar a ser recriado."

Nesta concepção, o aluno é o objeto de pesquisa do educador e é protagonista na sua construção de aprendizagem. Quando observava os professores falando sobre a concepção democrática, ficava intrigada, pois achava que não teria como colocar em prática. Mas, a partir do momento em que vi que essa concepção estava sendo praticada na sala de aula conosco, vi que dava certo, bastava ter sensibilidade e força de vontade para colocá-la em prática.

A concepção democrática possibilita a construção da voz para todos. Para o professor que está em sala de aula, para o aluno que levanta os seus questionamentos, para o responsável, que deseja compreender a metodologia de ensino e para todos que circulam dentro da comunidade escolar. Democracia é quando todos têm a oportunidade de participar, de opinar e saber o que está acontecendo dentro da instituição

1.5 Instrumentos metodológicos

Ao reler o texto "Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação" de Madalena Freire (2014), pude voltar no tempo e sentir como se um telão estivesse na minha frente e passava um filme das aulas de Instrumentos Metodológicos, que foram ministradas no primeiro semestre pelas professoras Clara Araújo e Priscila de Almeida, no ano de 2019.

Este conteúdo faz eco em minhas lembranças, pois pude mergulhar e explorar cada instrumento durante as aulas ministradas. A partir desta exploração pude compreender que estes instrumentos: observação, registro

reflexivo sobre a prática, avaliação e planejamento, fazem parte da vida do educador, são eles que ajudarão este educador a exercer com excelência o seu papel em sala de aula. Os instrumentos metodológicos são: Observação, registro, avaliação e planejamento.

Após a minha vivência no Pró-Saber, consigo compreender que observar em sala de aula é mais que olhar. Freire (2008) fala que "a observação demanda/envolve a atenção, a escuta na reflexão de quem admira, contempla a realidade", acredito que para observar precisamos nos concentrar no que está sendo visto, fixando os nossos olhos e ouvidos na cena que se observa. A observação exige ouvir com atenção, exige uma escuta apurada, um olhar aguçado e o desejo de compreender o que se observa. O educador que observa, educa o seu olhar para o que vem sendo observado e traça rotas para dialogar com o que está sendo apresentado pelo seu aluno.

Durante nosso curso, aprendemos a ser observadores em sala de aula. Os pontos de observação, criados por Freire (2008), compõem uma atividade com o intuito de trazer o foco do aluno para determinados pontos específicos, nos ajudando a tomar distância dos movimentos realizados e a dialogar com esses movimentos na escrita. No início, observar a turma e a coordenação, me causava pânico. Lembro de um dia, que a aluna Sônia de Franco passou mal, após ser escolhida para fazer um Ponto de observação durante a aula. Realmente, no primeiro semestre, era difícil compreender o objetivo dos pontos de observação, mas hoje os vejo como elementos fundamentais que auxiliam o educador a realizar uma avaliação do seu ensinar, do envolvimento da turma e da aprendizagem individual de cada aluno.

Focar para observar e refletir durante a aula, me ajudava a significar a minha aprendizagem e após a aula, me inspirava na hora da realização da síntese, pois observei que havia pontos que recuperariam o ensino que seria apresentado.

Segundo Freire (2014), "o registro é a arma de luta nesse processo de apurar o próprio pensar". Ela me faz enxergar o registro como uma marca. Ao escrevemos em uma folha em branco, estamos marcando esta folha com os traços da caneta, mas quando não se escreve, não se marca nada. Então entendo que o educador necessita marcar momentos, alinhando a observação

com o registro reflexivo, refletir sobre a sua prática e pensar na aprendizagem do aluno

Após todas as trocas realizadas em sala, tomamos um distanciamento do vivenciado e realizamos o que Josso (2004) chama de "Escrita da narrativa". No Pró-Saber, chamamos de síntese, pois sintetizamos os movimentos realizados pelo grupo, os passos da coordenação e as reflexões dos conteúdos que mais nos atravessaram na aula. Tomar distância é importante, pois nos ajuda a olhar com um olhar mais reflexivo para tudo o que foi vivenciado e nos ajuda a internalizar os conteúdos. Registrar nos tira do raso e nos faz mergulhar na prática.

Assim como a observação caminha junto com o registro, o que seria do registro sem a avaliação? Pois, "na ação de avaliar pensa-se o passado e o presente para poder construir o futuro [...] processo permanente de rever, refletir o passado para construir o futuro no presente" (FREIRE, 2014).

Na concepção democrática de educação todos os movimentos são geradores de aprendizagem. Cada um está relacionado a essa construção. Cada aluno traz consigo o seu "ouro" e, quando este se coloca como locutor e expõe o seu pensamento, ele está mantendo acordado dentro dele o seu conhecimento. O poema "Guardar" de Antonio Cícero, trazido por mim no início da monografia, me faz refletir sobre essa ação de manter acordado dentro de nós o ouro de nossa aprendizagem.

E manter acordado é mostrar que essa lembrança nunca se perdeu, pois ela está acesa. Avaliar é manter a aula acesa dentro de nós. É se fazer presente na aula, para que posteriormente possamos falar desta com propriedade e refletir sobre como os conteúdos nos atravessaram.

E o último item a discorrer é o planejamento. Talvez você pense: Como o planejamento é o último instrumento? Sim, pois "o planejamento nasce na avaliação da aula anterior."

Para planejar precisamos observar, registrar e avaliar. O planejamento é o fruto que nasce após todos estes itens e este fruto gerará outros frutos posteriormente. Com tudo isso, o Pró-Saber me mostrou que é possível inserir o aluno no planejamento ou melhor é possível criar um planejamento onde ele seja o protagonista das atividades que foram pensadas. Para isso, é importante agregar o registro reflexivo a nossa prática, pois

O registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. Permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer, sinalizando para o estudo e busca fundamentação teórica. (FREIRE, 2008, p. 52).

1.6 Na minha prática

No início do ano, quando a coordenação da creche falava com que turma ficaríamos, a primeira coisa que observávamos era a faixa etária para logo começarmos a traçar, através do registro, atividades que se adequassem a ela. Contudo, posso afirmar que os instrumentos metodológicos” caminham de mãos dadas conosco, basta colocarmos isso em prática, pois se tem uma coisa que não podemos abrir mão é desses instrumentos em sala de aula.

Esse movimento, realizado no Pró-Saber, me fez reconhecer a importância da autoridade. Me fez valorizar a minha identidade e reconhecer que em meio a uma sociedade necessito exercer o meu papel. Somos autores de histórias de vida, e cada um escreve a sua, a partir das suas singularidades. As marcas que trazemos conosco são as experiências que vivenciamos no dia a dia e, quando não compartilho essas marcas, me torno omissa e vítima do autoritarismo.

Trabalhar com educação infantil requer rigor. Rigor consigo, com seus alunos e com o desempenho da sua prática. Hoje vejo que o elo entre família e escola é fundamental para o desenvolvimento dos alunos, pois quando trabalhamos juntamente com a família, conseguimos enxergar o progresso e avanço deste aluno dentro do ambiente escolar. Professor que pesquisa a história de vida do aluno consegue criar um planejamento onde o aluno se reconhece e é isso que desperta, aguça sua curiosidade pelo conteúdo apresentado.

2 ACENDENDO AS MEMÓRIAS DO PASSADO PARA ESCREVER UMA NOVA HISTÓRIA NO FUTURO

Durante o primeiro ano de estudos no Pró-Saber, fomos provocados pelos professores do curso normal superior a resgatar nossas memórias, realizando também um mergulho em nossa prática.

Esse mergulho rendeu grandes aprendizagens, pois percebi que era através do diálogo e da troca em grupo, que iríamos construir conhecimento. Aos poucos, fui percebendo que eu não era uma folha em branco, eu tinha marcas e eram essas marcas que precisavam ser socializadas. Fui me encontrando com o outro, ao socializar essas lembranças e quando eu era provocada a falar, percebia que eu inspirava outras pessoas a falarem também.

Ao registrar essas marcas no papel através das sínteses, percebi que estava dando sentido a tudo o que vivenciei até aqui e que a experiência de viver o Pró-Saber era única

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, pois, essa estava me atravessando e transformando o meu olhar para o mundo. (LARROSA, 2002, p. 20 -21).

Foi através das palavras que consegui enxergar o sentido da educação. Quando eu me expunha e algum professor ou aluno retrucava, eu era obrigada a pensar sobre a minha prática e a organizar o meu pensamento, através do diálogo, da troca de palavras e da escrita das sínteses. Quando comecei a criar um vínculo maior com o grupo, percebi que já estava começando a me impor em sala de aula e já tinha segurança para falar, para trocar, para enfrentar um conteúdo com um novo olhar, um novo pensamento.

No primeiro ano, o medo me dominava, mas foi na relação educador e aluno que fui adquirindo a confiança necessária para me expor e abandonar a omissão. Acredito que, quando percebemos o acolhimento da parte do educador, nos sentimos confortáveis para socializar a nossa história. Quando eu pensava que não tinha com o que colaborar, os professores me faziam perceber que o mergulho na minha experiência de vida era importante. "A

experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca." (LARROSA, 2002, p. 21).

Hoje vejo que fui tocada por cada conteúdo em sala de aula e foram estes conteúdos que modificaram a minha prática e me ajudaram a olhar de maneira diferente para cada aluno, me fazendo viver essa grande experiência. Realizei a trama entre passado e presente e, ao estabelecer um diálogo entre esses dois tempos, vi que era necessário me abrir para o novo e ser transformada por ele. Madalena Freire em seu texto "Memória", fala sobre "a importância de valorizarmos a socialização por parte de nossos educandos, de suas experiências, de seus saberes, de sua história." (FREIRE, 2008, p. 42). Ela me faz compreender esse movimento do Pró-Saber de construir o conhecimento com seus educandos.

2.1 Rememorações

No dia 5 de agosto de 2019, cheguei com minha bagagem de conhecimento e me hospedei no Instituto Pró-Saber. Aos poucos fomos provocados a pensar sobre as marcas do ensino autoritário e pensar possibilidades para injetar na prática um ensino mais democrático. O mergulho em minha prática e nas minhas memórias me fez enxergar além da sala, me fez enxergar que o ensinar também precisa ter um olhar mais humano e mais amplo.

Quando cheguei a primeira disciplina que encontrei foi "Filosofia e história da educação", ministrada pela professora Paula Padilha. Na primeira instância, ao olhar para a professora, observei a sua seriedade, mas quando percebi o domínio e a segurança que tinha ao falar desta disciplina, me espantei. Por falar em espanto, aprendi que a filosofia é movida por ele, que o também pode mudar a educação. Um educador espantado consegue pesquisar, planejar e pensar em sua prática, saindo assim de uma rotina rotineira e metódica.

A chave da filosofia é o pensar o refletir, e é essa reflexão que deve me formar uma pessoa crítica, que impõe o seu pensamento em busca de uma educação melhor, que dialoga com as experiências de vida. "O desejo nos move, ele é nossa energia, nosso fogo. Desejo limitado, educado, transforma-se em projeto." (FREIRE, 2008, p. 40).

Quando leio que somos movidos pelo desejo, lembro da leitura do livro "A parte que falta" de Shel Silverstein (2018), que a professora Joana D'Arc da Silva leu, enquanto ministrava uma das aulas de "Projetos de trabalhos escolares na Educação Infantil". O livro conta a história de um todo, que havia perdido uma parte de si. Vejo que a parte que falta é o que ainda não sabemos e isso desperta dentro de nós o desejo de ir em busca dessa parte que nos falta.

O educador tem muito isso em sua prática, nós estudamos o conteúdo, nos programamos para ministrar uma aula e nos deparamos com uma pergunta ou com algum tema abordado que não sabemos como responder por não saber sobre o que está sendo perguntado. Mas tudo bem, não somos portadores de todo o saber. Nosso objetivo é conciliar as relações e trocas realizadas entre os alunos, realizando intervenções sempre que necessário. "Pensar sempre envolve os outros. Pensamos porque alguém nos impulsionou a buscar uma resposta. É sempre o outro que nos obriga a pensar, e mesmo quando sozinhos os outros habitam nosso pensamento." (FREIRE, 2008, p. 48).

Aqui aprendi que o sentido da vida do educador é pensar sobre a sua própria prática e foi a disciplina de Práticas pedagógicas, ministrada pela professora Cláudia Sabino, onde pude conhecer algumas características da história da educação. Aprendi que existem leis que respaldam os direitos da criança. Nessa disciplina também aprendi como assumir o meu papel dentro de sala de aula e a enxergar o meu aluno como sujeito que pensa e que está criando as suas hipóteses. Aprendi a não rotular os meus alunos, respeitá-los, acolhendo-os. Aprendi também que todos que estão no espaço educacional são educadores, pois trabalham na área da Educação.

Fotografia 08 -- Aula de Prática Pedagógica



Autor: Victória Nunes

Aula da professora Cláudia Sabino, onde conversamos e criamos uma peça teatral, pensando em como dialogar com os pais e toda a comunidade escolar, criando movimentos que acolham os interesses de todos.

A professora Cláudia Sabino realizou o movimento de pesquisa, quando nos provocou a pesquisar a história da instituição onde trabalhamos, na disciplina de Práticas pedagógicas. Esse movimento foi completado no quinto semestre, pela professora Elaine Caetano, que falou sobre conceitos de comunidade e nos levou a pesquisar sobre as articulações que circulam em nosso ambiente de trabalho.

Com o texto " Memórias", de Madalena Freire, me lembrei dos nossos estudos da disciplina de Teóricos da educação, ministrada pela professora Clara Araújo. Nela vimos a teoria de John Dewey:

O fundamento de sua teoria é a interação entre educando e educador e entre educador e educando. A prática desta teoria visa colocar o aluno constante, participante. [...] Esta prática visa levar o professor a identificar o obstáculo de aprendizagem do aluno e driblá-lo, fazendo com que a estima do aluno seja elevada. (CRUZ, 2021)³.

Fotografia 09 – Clara e eu



Autor: Sônia Franco

³ Disciplina Teóricos da Educação, ministrada pela Profa. Clara Araujo, no ISEPS, no Curso Normal Superior, em: 7 jun. 2021.

Essa interação entre educador e educando faz da troca um acendedor de memória que leva, através do diálogo, à socialização das experiências vivenciadas.

Foi nas disciplinas sobre O brincar e sua importância na Educação infantil, com Cristina Porto, que mudei a minha percepção sobre o tema. Vejo que a brincadeira é algo que devemos observar com seriedade, pois quando a criança brinca, está expressando para o mundo tudo aquilo que ela observa. Brincar exige envolvimento, aceitação das regras e é quando a criança está brincando que ela passa a internalizar que, para participar desta ação, ela precisa aceitar ou propor formas para executar essa brincadeira.

Outra coisa que aprendi é que, quando, como educadores, propomos uma "brincadeira" para apresentar algum conteúdo em particular, esta passa a ser atividade lúdica, porque há uma intenção por trás e as regras são impostas pelo educador. Na brincadeira, as regras são construídas por aqueles que brincam enquanto durar. É a criança que cria, escolhe e convida seus amigos para realizar tal ação.

Atualmente, vejo meus alunos como o ser cognoscente, que está a todo momento construindo aprendizagens e descobertas, que pensa e constrói hipóteses sobre esse mundo em que está inserido. enxergo o aluno como o ouro da educação.

A aula com Madalena Freire me fez compreender que sou educadora, porque busquei uma formação. Compreender porquê não devemos aceitar ser chamadas de "tia", me levou a dar mais importância a minha função. Sou educadora, estudei para isso e é nesse aspecto que busco um diferencial para lidar com os pais, levando-os a reconhecer que a escola tem um papel importante na vida dos seus filhos.

Ao chegar na sala, Madalena mostrava em suas falas o rigor de quem estuda a sua prática e o ouro de quem sabe o que fala, pois já vivenciou o que estávamos vivenciando. A aula com Madalena foi rica, pois me ajudou a internalizar a diferença entre espaço público e privado e a compreender os instrumentos metodológicos, que hoje os tenho como aliados na minha prática.

Fotografia 10 -- Aula de Madalena Freire



Autora: Sônia de Franco

Outro grande diferencial desta instituição é a disciplina de Alfabetização Cultural, ministrada pela professora Melissa Lamego, nestes três anos de curso, que me mostrou o quanto é importante resgatar a minha origem e me fez compreender que a arte vai além de um quadro. Existem vários tipos de manifestações artísticas que nos causam um deslumbre ao apreciá-las. Hoje vejo como arte a música, o teatro, a dança e diversas outras coisas que irradiam beleza por onde passam. A educação também é uma obra de arte, quando é despertada em cada aluno a sua história, sua leitura de mundo e sua digital.

Foi através dessas aulas, que reconheci que sou Cultura e que faço cultura por onde passo. A disciplina me ajudou a descobrir onde há manifestações culturais dentro da comunidade em que eu vivo e posso afirmar que saio mais rica, com um novo pensamento sobre o lugar onde habito.

Melissa me ajudou a pensar e a enxergar através do olhar do autor de uma obra, a criar as minhas próprias hipóteses sobre cada obra que foi apresentada durante o curso. Me fez ter um olhar reflexivo e crítico sobre cada obra apresentada.

Através das telas do computador, enquanto ainda não podíamos nos encontrar presencialmente, conheci espaços deslumbrantes do Rio de Janeiro e as aulas foram sendo tecidas com o que cada aluno trazia em suas pesquisas.

Também pude explorar diversos lugares onde nunca imaginei ir, pois foi com a professora Melissa Lamego que tive a honra de conhecer o Teatro Municipal antes e depois da pandemia.

Fotografia 11 – Visita ao Teatro Municipal após a pandemia

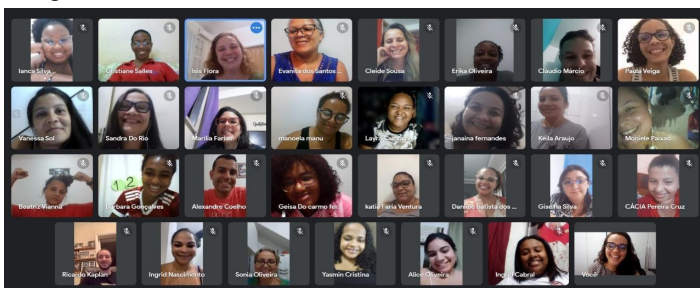


Autor: Passante

Nesta disciplina a estética e beleza das obras de arte foram sendo preservadas a todo momento e foi isso que enriqueceu o meu olhar.

Um grande marco também foi a disciplina “Matemática e suas didáticas”, ministrada pela professora Ísis Flora, que me levou a pensar que a criança aprende a quantificar a partir das partes do seu corpo. Para isso, basta que o educador apresente essas partes, que já são significativas para o aluno, a fim de que ele explore e aprenda com o seu corpo.

Fotografia 12 -- Aula de matemática e suas didáticas, ministrada através do Google Meet.



Autor: Evanita dos Santos

O Pró-Saber é um lugar que humaniza o educador em sua prática. Esse lado humano do educador eu pude conhecer a partir das aulas da professora e observadora Priscila de Almeida. Durante suas aulas de “Prática Pedagógica e Instrumentos Metodológicos”, que dividia com a professora Clara Araújo, compartilhamos nossas dores de educador, nossas angústias, medos e anseios.

Quando tudo estava difícil e eu pensava que não ia conseguir, recebia as devoluções das sínteses no meu e-mail, com uma mensagem de incentivo vinda diretamente da professora. Era um abraço virtual, que me envolvia e me levava a partilhar minhas inquietações. Muitas vezes ampliei a minha prática,

pensando em como estabelecer e criar um vínculo com os responsáveis e como realizar um trabalho remoto com os bebês, já que enquanto eu estava trabalhando remotamente, estava no meu primeiro ano com a turma de Berçário. Fui me construindo nessa busca pelo conhecimento e vejo o quanto amadureci com as intervenções realizadas pela professora.

Não poderei deixar de registrar sobre a disciplina que mais me ajudou a enfrentar esse período em que a tecnologia precisava ser uma aliada para manter o vínculo e aprendizado. “Tecnologia da informação”, ministrada pela professora Flávia, abriu caminhos para que eu pudesse me integrar neste mundo tecnológico, manuseando algumas ferramentas do *Google* como o *Google Meet*, *docs*, *drive* e o *Google sala de aula*. A cada aula era uma descoberta e a cada descoberta aumentava o desejo de querer saber mais e mais.

Foram tantas conquistas que esse aprendizado levarei para a vida e a paixão pela tecnologia foi sendo acesa durante cada encontro.

Fotografia 13 -- Penúltima aula de Tic's no laboratório de informática.



Autor: Flávia Quadreli

Maria Delcina Feitosa, minha orientadora de monografia, me desafiou durante todos esses meses. Ela foi a responsável por criar todos os grupos de *WhatsApp* no início da pandemia. Não nos víamos, mas a cada grupo criado, vinha uma imagem de amor, esperança, flores desabrochando em um jardim ou em uma árvore.

O vínculo foi sendo estabelecido aos poucos, no último ano nos encontramos para falar de referência bibliográfica, citações, plágio, inserção de imagem em um documento e sobre como manusear as ferramentas do *Meet*. Suas aulas foram todas pelo *Google Meet*, pois como mora em São Paulo, ficou impedida de viajar por causa da pandemia. Pude observar o olhar

sensível da professora para cada aluno, para cada pedido de socorro na construção da escrita monográfica.

Tive a sorte de tê-la como orientadora e hoje vejo que a construção desse trabalho se deu de forma tão prazerosa pelas vezes que me fazia lembrar de que eu era o ouro desta construção. Deixo registrado como forma de gratidão, por todo o carinho, amor e sensibilidade nesse processo.

Fotografia 14 – Del e eu



Fotomontagem: Maria Delcina Feitosa

Em nossa primeira aula com Madalena Freire (2019), a professora citou uma frase de Paulo Freire sobre o educar do educador: "o educador se eterniza em cada ser que educa".(FREIRE, *apud* FREIRE, 2019). Digo que cada um desses educadores está eternizado em mim.

De uma maneira geral, me sinto atravessada por cada conteúdo vivenciado neste ambiente, poderia escrever inúmeras linhas, contando com riqueza de detalhes o que cada um me proporcionou. Atualmente eles reverberam em mim de maneira significativa e me ajudam a pensar na minha prática como educadora, na minha relação com meus alunos e até mesmo na minha vida como mãe.

No Pró-Saber, vivenciei grandes descobertas, obtive uma grande experiência de vida em minha jornada e as marcas que carrego hoje é de que é possível ser democrático dentro do ambiente escolar. "Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão." (LARROSA, 2002, p. 26).

Hoje vejo que sou um sujeito da experiência, que se apaixonou por cada momento que vivenciei aqui neste espaço e que meu olhar foi modificado a partir de cada experiência vivida.

3 UM BRILHO EM MINHA PRÁTICA: A LITERATURA COMO GUIA NA PRÁTICA EDUCACIONAL

A disciplina de Oficina de Leitura e Escrita, ministrada pela professora Liana Castro, me fez refletir sobre a minha relação com a leitura e escrita, que não eram apenas uma ferramenta, mas sim uma forma de me expressar. Escrever tornou-se libertador, quando se escreve com a alma, quando se coloca sentimento nas palavras e quando pensamos no que está sendo escrito. A escrita também é um meio de comunicação, onde as letras contam para o leitor o que os lábios não querem/podem dizer.

Liana solicitou que escrevêssemos sobre a nossa relação com a leitura e escrita, onde pude contar um pouco da minha história e registrar. Falei sobre quem eu sou, sobre a minha história e foi a partir daí que enxerguei o verdadeiro sentido do ato de escrever. De acordo com Corsino (2009, p. 51), "as palavras servem para brincar, para rir, para chorar, para expressar sentimentos e desejos, para convencer, para ordenar, para informar, para aprender e ensinar, para comunicar-se com o outro".

Eu não precisava contar para alguém oralmente a minha história, se eu não quisesse, bastava apenas escrever. E foi escrevendo o que vivi no passado, que me libertei de meus medos, criando novas possibilidades para construir um futuro

E a leitura? A leitura nos faz viajar, nos faz identificar com a história do outro a nossa própria história. A leitura nos proporciona uma conversação de vidas e nos faz entender que não somos os únicos que enfrentamos situações problemas na vida, nos ajudando a criar estratégias para enfrentá-la. Nos ensina ainda a pensar e refletir sobre o mundo em que vivemos, pois nos ajuda a imaginar outras maneiras de obter um final feliz e a interpretar a história a partir do que acontece com o personagem.

No primeiro ano, pensamos nas nossas memórias de leitura e escrita. A partir daí, eu lembrei dos contos orais que meu avô contava e eram histórias bem antigas, que assombravam os nossos corações. Na escola, minha relação com a leitura se iniciou a partir do meu processo de alfabetização, onde minha professora Josefina, me incentivava a ler gibis e minha mãe os comprava para eu me aprimorar.

Fotografia 15 -- Professora Josefina



Autor desconhecido

A partir desse conteúdo, conheci Bartolomeu Campos de Queirós, um autor que conta suas memórias em suas obras. Bartolomeu despertava em mim o desejo de falar sobre as minhas memórias, e me levava por um caminho retrospectivo, que acendia todas as minhas memórias de leitura e escrita. O texto "Uma definitiva presença", trazido pela professora, me fez refletir sobre o meu papel enquanto educadora, sobre como tenho acolhido os meus alunos. Refleti sobre o que deixo nestes alunos e sobre como eles estão sendo atravessados com a minha presença. "O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino." (QUEIRÓS, 2012, p. 37).

Acho que essa é a abertura de caminhos que essa disciplina me proporcionou. Hoje enxergo a leitura além das páginas dos livros e consigo ver o livro como um convite que me leva a embarcar nas mais divertidas viagens e, assim, conheço o mundo.

Liana nos trouxe também um livro de Renato Moriconi (2016) "Além da montanha". Achei o livro muito interessante, sua leitura me envolveu bastante e, desde o início, já queria descobrir o desfecho da história. A leitura ficou ainda mais envolvente, pela a forma com que a professora lia as histórias que trazia para a aula. Me sentia como uma criança, que fixa seus olhos na rodinha e observa todos os movimentos da professora. Parecia que existia eu, a professora e o livro e isso me alimentava. Sabe o que considerei mais

engraçado? O livro não tinha um final, parecia até um episódio de alguma série, em que precisaremos assistir o próximo capítulo para descobrir o que irá acontecer. Eu me sentia na pele dos personagens, querendo vivenciar coisas semelhantes. "Na relação entre narrador e ouvinte, criam-se laços afetivos, promovendo-se encontros e diálogos, emergindo a dimensão expressiva da linguagem." (CORSINO, 2009, p. 64)

Nesse contexto pude perceber o quanto a leitura e a escrita ampliam o nosso imaginário, nos levando a pensar além do que vimos no momento, mas me levou também a refletir sobre o lugar onde ficam os livros. A partir de uma visita à Biblioteca Parque, onde vimos como ficam guardados os livros e quais possibilidades de interação com eles poderiam ser criadas. Era ora de mudar a prática de repensar o planejamento e a organização do espaço em sala de aula.

No segundo ano, refletimos sobre questões étnico-raciais. Me deparei com Daniel Munduruku (2004) e diversas literaturas de autoria indígenas, como Júlia Durico (2019). Essa cultura indígena foi marcada esteticamente nas pautas preparadas pela professora para as aulas remotas, onde Liana trazia sempre uma pintura de alguns artistas indígenas, dando enfoque ao conteúdo que estava sendo apresentado.

Meu olhar como educadora foi sendo modificado para essa cultura, pois hoje não trabalho mais o "Dia do índio" na instituição em que trabalho. Atualmente, quando vamos nos referir ou trabalhar essa cultura, preparamos com antecedência um planejamento que envolva a cultura indígena, onde trabalhamos o respeito pela natureza, a gastronomia dos povos indígenas e todos os elementos que expressam essa cultura. Aprendi como pensar em apresentar às crianças o respeito com os mais velhos de modo a envolver a escuta, o aprendizado da parte de quem tem uma ampla experiência de vida.

Fotografia 16 – Visita a Biblioteca Parque



Autor: Jessica da Silva

Ao conhecer sobre a literatura negra, fui tocada pelas experiências que enfrentei no meu dia a dia. Por diversas vezes, presenciei meu esposo sofrendo com o preconceito da sociedade, pelo simples fato dele ser negro. Ampliando o nosso percurso, conhecemos autores negros, que escrevem livros com personagens negros.

Posso dizer que essa literatura foi a que mais me marcou, pois falamos sobre o racismo, o preconceito. A partir das leituras do Pequeno manual anti-Racista de Djamila Ribeiro (2019), pude refletir sobre a luta contra o racismo. Essa é uma busca constante de quem sofre, mas que deve ser uma luta de todos. O racismo foi injetado em nós, trazemos as marcas de toda uma história e abrimos os olhos e enunciamos a cada momento que somos contra o racismo, independentemente de sermos negros ou brancos, estamos no combate a esse movimento. Foi nesta disciplina que descobri a diferença entre preconceito, racismo e discriminação.

Vejo que os negros não querem serem reconhecidos, mas sim ocupar o seu espaço na sociedade. Hoje vejo o negro como força em meio a uma sociedade, que foi colocado à força em lugar de escravo, que, sendo ser humano, era visto como um animal sem valor.

Ao pensar nos negros na época da escravidão, me emociono, pois é difícil aceitar que um ser humano vivesse naquelas condições de descaso e exploração. Assim como a literatura abre espaços para o meu pensamento, hoje fico pensando no que uma criança negra pensaria ao nascer e saber que estava predestinada à escravidão.

Com Chimamanda Adichie (2013) aprendi que há a necessidade de apresentarmos livros com os quais as crianças se identifiquem e possam realizar uma conversação de histórias, incentivando aos alunos a assumirem a sua identidade e as suas características. Chimamanda (2013), no vídeo "O perigo de uma única história", fala sobre essa importância da diversidade literária para as crianças, a fim de que elas não sejam moldadas a partir de histórias repletas de estereótipos ou a partir de histórias que contêm o mesmo conteúdo e o mesmo final feliz.

As vidas negras também têm um grande valor e cabe a nós, como educadores, apresentar toda essa história, toda essa raça, cultura, músicas, aos nossos alunos. Nós temos nas mãos o poder de mostrar a diversidade racial, de trabalhar o preconceito e o racismo. A literatura é uma arma de luta que vai nos ajudar a trabalhar essa riqueza.

Conversamos sobre os clássicos da literatura infantil, contos de tradição oral que foram caindo no gosto das crianças. Fizemos um resgate de alguma história que nos foi contada oralmente por alguém na nossa infância. Trouxe a história do Saci-Pererê, pois meu avô, por ser mineiro, sempre falava desse personagem ao contar histórias para os seus netos.

O marco do semestre foi conhecer Monteiro Lobato, observei que a obra dele é de suma importância para a literatura infantil e que ele é uma figura ilustre no mundo da literatura brasileira. Para falar da literatura brasileira trago a minha infância enraizadas. Quando pequena, antes de ir para escola, não deixava de assistir ao Sítio do Pica-pau Amarelo, na televisão, e foi assim que fui me apaixonando pelo grande escritor Monteiro Lobato. Suas obras são incríveis!

Na minha prática, pude ter a experiência de trabalhar com um projeto cujo título foi "Sítio do Pica-Pau Amarelo". Um encanto! Com este projeto levei meus alunos a embarcar nas aventuras de Pedrinho, se encantar com a história da menina do nariz arrebitado e brincar muito de "Saci-pererê", pulando de uma perna só.

Também pude me fantasiar com meus alunos, fazendo um delicioso bolo de milho, onde minha colega de trabalho Leila, que era cozinheira da creche, participou desta atividade vestida de Tia Nastácia.

Com todas essas atividades, vi que o livro me abriu caminhos onde eu pude juntamente com meus alunos criar possibilidades para a execução do planejamento. A culminância desse trabalho, foi uma linda apresentação com a música "Dança do Saci-Pererê".

Fotografia 17 -- Apresentação da música dança do Saci-Pererê



Autor desconhecido

No último ano, Liana trouxe mais livros e começamos a observar a parte estética, o projeto gráfico e as ilustrações. Existem livros como " Vizinho , Vizinha" de Roger Mello, que foi ilustrado por pessoas diferentes, ou seja, três pessoas com características e desenhos completamente diferentes, ilustraram o mesmo livro. Nessa descoberta da literatura infantil, fizemos um "Piquenique Literário", que foi um reencontro com o caminho percorrido, dos livros lidos e relidos. Comigo, quero carregar cada autor, cada literatura, cada escrita.

Fotografia 18 -- Piquenique Literário



Acervo do Autor

Atualmente, vejo a importância de escolher um " bom livro", que atravesse o aluno e que o faça refletir sobre as situações que vive. A literatura nos provoca a pensar, a imaginar, a construir hipóteses. A literatura nos leva em uma viagem a cada página e, nesta viagem, vivemos grandes e marcantes aventuras. Um bom livro não nos aprisiona, mas nos faz voar, traz o espanto que nos faz ir além. A literatura não fica parada dentro de nós, ela reverbera, se torna uma bagagem a ser carregada em nossas vidas. A literatura é uma arte também visual que emerge das ilustrações repletas de significados que o ilustrador passa para o autor. A literatura também é a arte literária, carregada de histórias que se perpetuam com os anos e leva a cultura durante décadas.

Acredito que essa arte não pode faltar dentro do ambiente escolar. Hoje penso no canto de Leitura, como um canto de conversação de vidas, onde cada livro colocado deve conversar com as crianças de maneira que elas possam criar hipóteses sobre a realidade da vida. Vejo o canto da leitura como algo convidativo para os alunos interagirem com as histórias.

Já penso em criar um cantinho da leitura para os meus filhos com diversas literaturas, abrindo caminhos para que possam criar uma relação de amor e paixão pela leitura.

Assim meu olhar foi desabrochando, como uma flor que, sendo cultivada em meio ao jardim, cresce bela, cheia de cor e perfume, que perfuma as redondezas deste jardim. O meu objetivo agora é perfumar as redondezas da instituição onde eu trabalho, encantando cada aluno com essa arte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passar pelo Pró-Saber foi libertador. Saio mais leve, como um locutor que deseja anunciar a todos as boas novas da vida. Se é possível modificar o olhar? Não tenho dúvida! Cabe a nós querer ser modificados, nos abrindo para que a transformação aconteça.

Nesta trajetória, também pude refletir sobre a questão da autonomia na vida das crianças. Essa reflexão despertou em mim o desejo de ler o livro "Pedagogia da autonomia" de Paulo Freire. O desenvolvimento da autonomia do aluno vai além de colocar a roupa sozinho ou comer sozinho na hora das refeições. Autonomia é provocar a construção de sua voz no ambiente escolar.

A experiência em estudar no Pró-Saber me fez ampliar o meu olhar sobre a criança que recebemos em sala de aula, criança que pensa, que cria hipóteses no seu processo de aprendizagem. Ela não chega vazia, mas tem uma visão de mundo, que precisa ser trabalhada para que se identifique com o que está sendo apresentado, aguçando o desejo de aprender cada vez mais. "A função do educador é de instrumentalizador dos interesses com propostas de atividades, tarefas delimitadas que informem sobre seu conteúdo, para ir aprofundando seu estudo." (FREIRE, 2008, p. 52).

O livro "Educador" de Madalena Freire (2008) é um suporte significativo para a análise da experiência vivida. Com ele aprendi que educar é difícil, estudar dói, mas, quando mantemos a leveza e a constância, respeitando o nosso ritmo e o ritmo dos nossos alunos, conseguimos alcançar qualquer objetivo.

As sínteses são um elemento que não podem faltar nessa análise. Elas nos ajudarão a nos reencontrar com os conteúdos e reflexões vivenciadas durante todo este percurso. Por falar em síntese, sei que hoje chego até aqui agradecendo aos professores pelas cobranças, pois se não fossem elas e essa lembrança, eu não conseguiria realizar essa sistematização de conteúdo. Por diversas vezes, questionei o porquê de escrever tanto nesta instituição. Por que relatar os conteúdos vivenciados a cada dia? Para que observar uma aula, se na sala tem observadora? As respostas estão todas aqui nesse trabalho.

Contudo entendo que memórias não são para ser guardadas, precisam ser enraizadas em nós. Tudo o que tem raiz floresce. Cresce então um fruto

que servirá de alimento para toda uma população. Como parte de uma sociedade, devemos alimentá-la com nossas memórias, partilhando o ouro que há em nós. Em grupo, conseguimos manter esse diálogo vivo e ardente em cada um de nós, basta partilharmos no presente, a presença do nosso futuro.

A observação é a arma fundamental do educador, para que consiga realizar a avaliação do aluno e sua autoavaliação na hora de pensar o planejamento.

Enquanto educadores, nos reinventamos através da arte, da música e de tudo o que está em nossas mãos. O educador necessita ter um "coelho em sua cartola" , quando algo inédito acontecer. Não existem limites para o ato de ensinar, estamos a todo momento ensinando e aprendendo. Como educadores, necessitamos pesquisar a nossa prática.

Essa monografia me fez resgatar em minhas memórias da menina que entrou no primeiro dia em sala de aula, querendo aprender a Lei de Diretrizes e Bases e a Base Nacional Comum Curricular, com o intuito de falar bonito nas reuniões pedagógicas, e que chega ao final do curso, refletindo sobre o ouro que há dentro de cada um de seus alunos. Eles precisam ser a pauta da discussão nas reuniões pedagógicas. O que deve ser discutido são as maneiras de ajudá-los a ampliar o seu conhecimento, novas maneiras de trazer a sua leitura de mundo para o contexto escolar.

O intuito de descrever a experiência vivida é mostrar para outros educadores que é possível desconstruir o que já se sabe. É possível se desprender de abordagens estereotipadas, para proporcionar um ensinar mais democrático, que visa colocar o aluno como um protagonista, tirando-o da posição de espectador. É necessário ter sensibilidade na maneira de olhar para cada um, para o espaço educacional e para a prática do educador.

O Pró-Saber me ajudou a perceber que, enquanto educadora, sou humana, sujeita a falhas, mas isso não deve me paralisar e sim me motivar a ir além. O medo de errar não deve ser um obstáculo, mas sim um novo enfrentamento.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. "Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano". (Entrevista a Mozahir Salomão BRUCK). In: **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-199, nov. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301>. Acesso em: 6 de abr. 2018.

CHIMAMANDA ADICHIE. O perigo de uma única história de vida. São Paulo: TED, 2013. 1 vídeo 18:49min. Disponível em: <https://youtu.be/wQk17RPuhW8>. Acesso em 27 jun. 2022.

CÍCERO, Antônio. Guardar: Poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

COLEÇÃO GRANDES EDUCADORES: JEAN PIAGET. Estudo e narração de Yves de La Taille. São Paulo: Atta, 2006. 1 vídeo 15:02min. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=80gRkOA3veQ&feature=youtu.be>. Acesso em 28 abr. 2022.

CORSINO, Patrícia (org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

CRUZ, Cácia Pereira da. **Síntese Reflexiva: Teóricos da Educação**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2021. (mimeo).

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. Nos tempos de hoje. In: O INÉDITO é viável? formação de professores de educação infantil na Pandemia. Organização: Clara Araujo; Cristina Laclette Porto; Isis Flora; Liana Garcia Castro; Coordenação: Madalena Freire. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2021.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014. Disponível em: <http://www.prosaber.org.br/comunidade>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 2014.

GENESCÁ, Ana; CID, Lucia (org.) **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.

GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Arqueologia de si e delicadeza: a fotografia e o outro como caminhos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; CUNHA, Jorge Luiz da; FURLANETTO, Ecleide Cunico; BIASOLI, Karina Alves (org.) **Anais... VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Digital**. São Paulo: BIOgraph, 2018. Disponível em: http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM_COMP_Cristina-Laclette-Porto.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER. **Projeto Político Pedagógico: Curso Normal Superior**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2008.

JOSSO, Marie Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira**. n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <https://goo.gl/KDYQXS>. Acesso em: 18 fev. 2020.

O INÉDITO é viável? formação de professores de educação infantil na Pandemia. Organização: Clara Araujo; Cristina Laclette Porto; Isis Flora; Liana Garcia Castro; Coordenação: Madalena Freire. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2021.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Ler, escrever e fazer conta de cabeça**. Belo Horizonte: Miguilim, 1998.

ROMEU, Gabriela; Narrativas do olhar, p. 42-49. In: QUEM está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças. São Paulo: Blucher, 2018.
Disponível em: DOI 10.5151/9788580393514-06. Acesso em 13 jun. 2022.

SALLES, João Moreira. *Informação x Experiência*: Entrevista concedida por João Moreira Salles a **TV Câmara**. 7.15min. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=J6cjVR_tTxc. Acesso em: 11 jul. 2022.

SILVERSTEIN, Shel. **A parte que falta**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2018.